SÉRIE AGRONEGÓCIOS DO SUL

CADEIA DA OLIVICULTURA

AUTORES:

CAMILA SOARES CARDOSO

MARCELO FERNANDES PACHECO DIAS

Autores:

Camila Soares Cardoso, acadêmica do curso de agronomia, bolsista de iniciação cientifica.
Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel – Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Eng. Agr. Professor, Doutor, Marcelo Fernandes Pacheco Dias,
Professor Adjunto Departamento de Administração.
Faculdade de Administração e Turismo – Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

CADEIA DA OLIVICULTURA

Historicamente acredita-se que a oliveira (*Olea europaea* L.) seja originária do sul do Cáucaso, das planícies altas do Irã e do litoral mediterrâneo da Síria e Palestina, e posteriormente se expandido para o restante do Mediterrâneo (COUTINHO, et al, 2009).

Graças às qualidades que possui, foi introduzida em quase todos os continentes. Tradicionalmente é cultivada no sul da Europa, nos países mediterrâneos, como Portugal, Espanha, França, Itália e Grécia, porém atualmente têm se expandido para outros países, visto que as áreas disponíveis para novos plantios nos países tradicionalmente produtores tem-se reduzido e, portanto, a tendência é de se buscar novas áreas com condições semelhantes às do Mediterrâneo, região em que a oliveira é tradicionalmente cultivada há séculos, ou até mesmo em zonas marginais, como as encontradas no Brasil, visto que nos últimos anos o seu consumo tem crescido em todo o mundo.

O seu crescente consumo pode ser explicado pelo fato de o azeite de oliva ser comprovadamente benéfico à saúde humana, pela sua comprovada eficácia na proteção de enfermidades cardiovasculares e por ser muito utilizado como veículo na confecção de produtos farmacêuticos (OLIVEIRA, 2001).

MERCADO INTERNACIONAL DA OLIVICULTURA

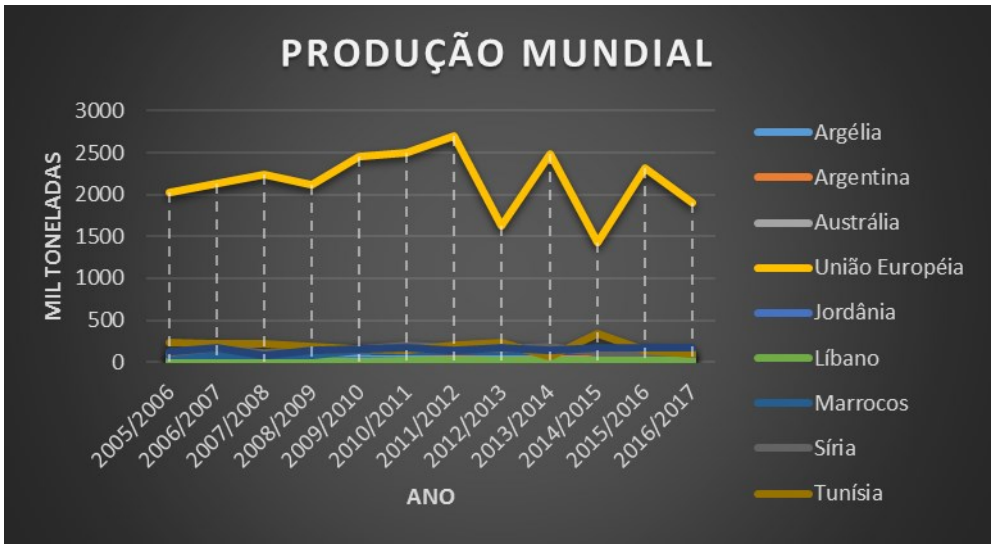
A produção de azeite e azeitonas em termos mundiais como mostra a Fig. 1, no período de 2005/2006 a 2016/2007, teve como destaque a União Europeia que foi a maior produtora, obtendo a sua maior produção na safra de 2011/2012 onde atingiu o valor de 2.700.000 toneladas.

Na safra 2016/2017, a União Europeia teve uma produção de 1.900.000 toneladas, seguido por Marrocos e Síria ambos com a produção de 110.000 toneladas, na 2° colocação.

Destaque para a Argentina e o Peru que fazem parte da América do Sul e aparecem entre os 10 maiores produtores.

O Brasil não aparece entre os 10 maiores produtores mundiais.

Figura 1: Produção Mundial de azeite e azeitonas.



Fonte: USDA

Já em relação aos maiores exportadores mundiais de azeite e azeitonas desse período destacam-se: União Europeia, Tunísia e Peru, respectivamente, conforme a Fig. 2. Na safra de 2013/2014, a União Europeia exportou 674.000 toneladas de azeite e azeitonas, caracterizando esse, como o maior resultado da série histórica de 12 anos. Já a Tunísia, 2° colocada, teve seu recorde de exportações na safra de 2014/2015 com 310 000 toneladas.

Fazem parte ainda dos 10 maiores exportadores Argentina, Austrália, Líbano, Marrocos, Síria, e Estados Unidos. Destacando novamente a Argentina que faz parte da América do Sul.

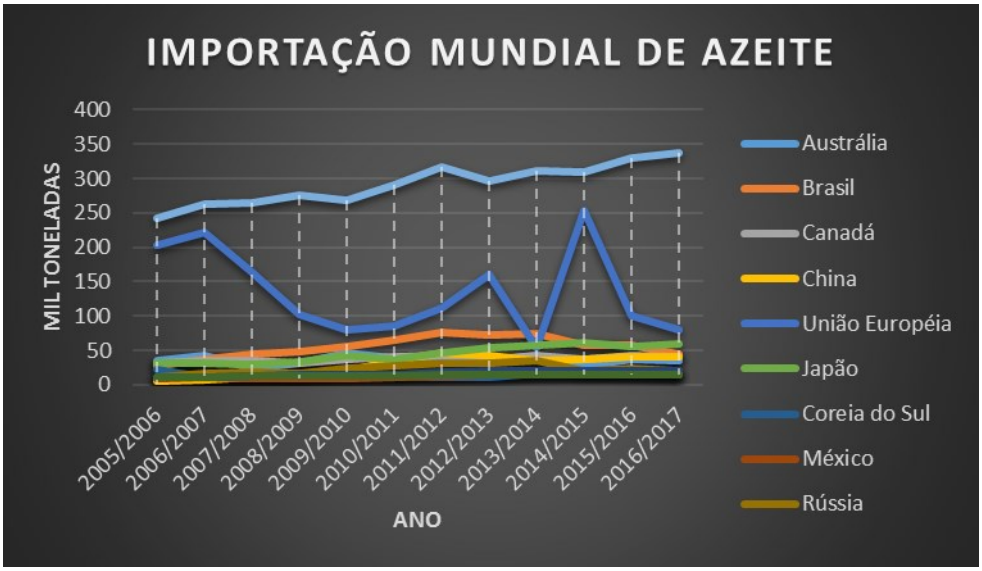
Figura 2: Exportação Mundial de azeite e azeitonas.

Fonte: USDA

Com relação à importação, os Estados Unidos lideraram esse ranking durante toda a série histórica de 12 anos, com destaque para a safra de 2016/2017, em que importaram cerca de 338.000 toneladas, o maior valor acumulado de todo período (Figura 3). O Brasil atualmente está com a 4° posição entre os maiores importadores de azeite e azeitonas, sendo que na safra de 2011/2012 atingiu seu maior valor com 76.000 toneladas.

Além de ser o maior exportador mundial, a União Europeia e ainda a 2° maior importadora mundial. Compõe ainda o ranking dos 10 maiores importadores mundiais: Austrália, Canadá, China, Japão, Coréia do Sul, México, Rússia, Arábia Saudita e Suíça.

Figura 3: Importação Mundial de azeite e azeitonas.

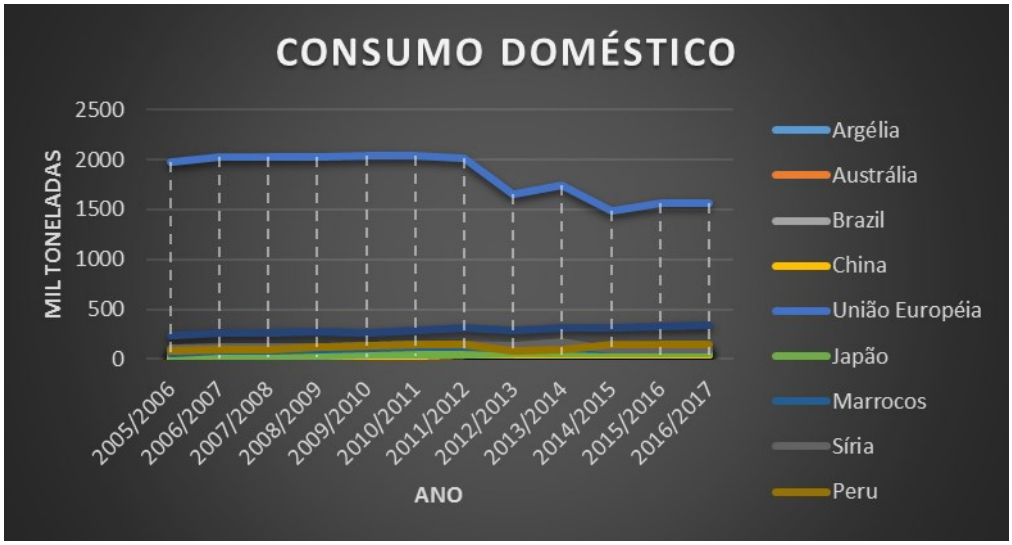


Fonte: USDA

O maior consumidor mundial de azeites e azeitonas é a União Europeia, chamando atenção para a diminuição do consumo nos últimos 5 anos, porém, nos últimos dois anos essa diminuição do consumo se manteve estável, como podemos observar na figura 3. Na safra de 2016/2017 o consumo ficou em 1570. 000 toneladas.

O segundo maior consumidor é os Estados Unidos, destacando-se também como maior importador mundial, o consumo nesse país ao contrário do que está acontecendo na União Europeia está aumentando.

Figura 4: Consumo doméstico de azeite e azeitonas.



Fonte: USDA

A OLIVICULTURA NO BRASIL

No Brasil, a oliveira foi introduzida há vários séculos e em quase todos os estados da Federação, porém com maior frequência nas regiões Sul e Sudeste (Minas Gerias, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (VILLA;OLIVEIRA, 2012).

No período colonial os olivais, em sua grande maioria, foram plantados nas proximidades das igrejas, tendo em vista as comemorações de "*Domingos de Ramos*". Além destas oliveiras, alguns cultivaram ainda pequenos olivais, no entanto, estes foram cortados por ordem da realeza portuguesa, pois não queriam que seus produtos sofressem concorrência no Brasil. Este fato impediu que a olivicultura tomasse o primeiro impulso em nosso país (VILLA;OLIVEIRA, 2012).

Atualmente o Brasil é um dos maiores importadores mundiais de azeite, na última (safra 2016/2017) foi o 4° país que mais importou, porém ainda tem uma área de plantio insignificante, apresentando condições marginais para o cultivo. Atualmente, existe um interesse pelo plantio em alguns estados, entre os quais: Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina (COUTINHO e JORGE, 2014).

Apesar de ser um dos maiores importadores o consumo per capita de azeite no Brasil (cerca de 0,2 litros/habitante/ ano) ainda é muito baixo comparado ao observado na Espanha (17 litros/ habitante/ano) e na Grécia (20 litros/habitante/ano) (COUTINHO et al, 2009). Além disso este consumo não é homogêneo, visto que as regiões sul, sudeste e o Distrito Federal possuem população com maior poder de compra em relação aos habitantes da região norte e nordeste. Porém estamos em um processo de aumento no consumo de azeite pelo brasileiro, e este associado principalmente à evolução do poder aquisitivo da população.

Nas regiões sul e sudeste há o maior consumo de azeite devido ao maior poder aquisitivo associado, à presença de descendentes de imigrantes europeus (italianos, alemães, espanhóis, etc.), tradicionalmente consumidores de azeite.

Uma das características da olivicultura é o retorno econômico de médio a longo prazo, visto que as árvores começam a frutificar a partir do terceiro ano e só atingem seu potencial máximo a partir do oitavo ano, normalmente, quando podem chegar a 15 mil quilos por hectare. Por outro lado, podem permanecer dando frutos por 70 anos.

A OLIVICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL

Dentre os estados brasileiros, o Rio Grande do Sul apresenta um maior potencial produtivo, por estar em áreas propicias ao cultivo, com condições climáticas adequadas, visto que as regiões entre os paralelos 30 e 45 do globo terrestre são as mais aptas para a produção de oliveiras, e se caracterizam por verões quentes e secos, com invernos com temperaturas amenas no inverno, que coincide com o período de floração, sendo estes requisitos para produções satisfatórias.

Além disso o estado possui também uma grande extensão de terras aptas para a expansão do cultivo, pois segundo o zoneamento agroclimático feito pela Embrapa Clima Temperado o Rio Grande do Sul detém mais de 10 milhões de hectares de terras com aptidão climática “recomendável” para o cultivo da oliveira, sendo possível ainda aproveitar quase 8 milhões de hectares com aptidão “tolerável”, via aprimoramento tecnológico, como podemos ver na tabela a seguir (Tabela 4).

Tabela 4. Áreas relacionadas às classes do zoneamento agroclimático (não foram consideradas as grandes lagoas).

Classe	Área(Há)	%
Recomendável	10.468.463	42,8
Tolerável	7.884.445	32,2
Não Recomendável	6.097.573	24,9

Total	24.450.480	99,9

Fonte: Zoneamento edafoclimático da olivicultura- Embrapa Clima Temperado.

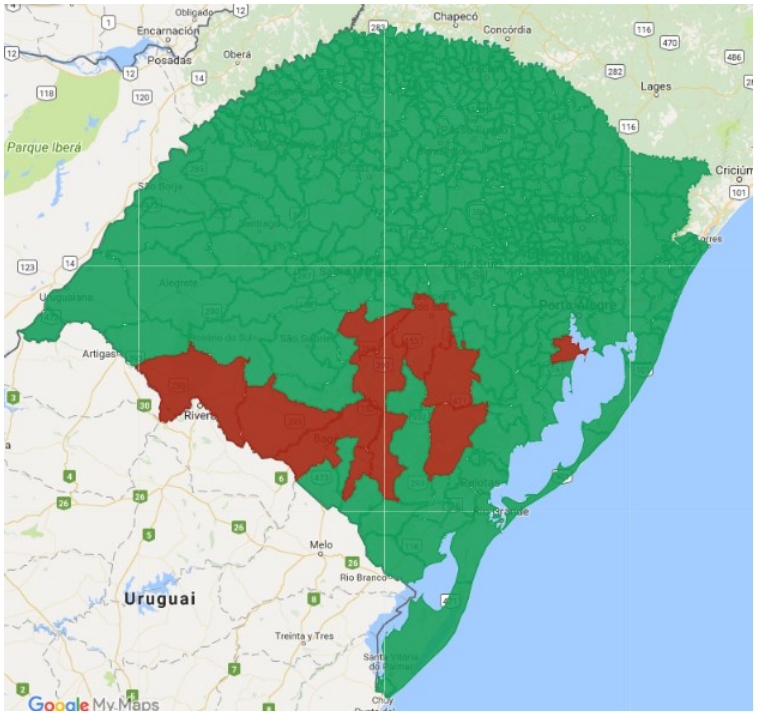
No estado do Rio Grande do Sul, a introdução da olivicultura apresentou as seguintes fases:

- 1948- a cultura da oliveira foi introduzida oficialmente, através da criação do órgão especializado da Secretaria da Agricultura (serviço oleícola), com a finalidade de superintender e orientar os trabalhos de fomento e pesquisa. O apoio governamental, estimulando o desenvolvimento da cultura ainda sem base técnica, inclusive com oferecimentos de prêmios e isenção de imposto territorial, provocou a formação de olivais de baixa qualidade.
- 2003 – Caçapava do Sul – Primeiro Plantio – 6 ha .
- 2006 – EMBRAPA Clima Temperado – EMATER/RS – Câmara de Comércio Portuguesa no Brasil – RS - Ações de divulgação, fomento e viabilidade do cultivo comercial de oliveira no Estados do RS .
- 2007- Primeira colheita de azeitonas em Caçapava do Sul

Atualmente, segundo João Paulo Lipp, coordenador do programa PRÓ-OLIVA (Programa Estadual de Desenvolvimento da Olivicultura), a área cultivada no Rio Grande do Sul está em torno de 2,1 mil hectares, dos quais 30% estão em fase de produção. Nos últimos dez anos, a produção de olivas foi a segunda que mais que mais cresceu na fruticultura do Rio Grande do Sul, depois da noz-pecã.

Áreas da Metade Sul têm se destacado na produção de olivas, como Caçapava do Sul, Pinheiro Machado, Cachoeira do Sul, Santana do Livramento, Canguçu, Dom Pedrito, Candiota, Jaguarão, Bagé, Encruzilhada do Sul, Formigueiro, Piratini, São Sepé e Barra do Ribeiro, como podemos observar na figura 5.

Figura 5: Áreas da metade Sul produtoras de azeitonas



Fonte: Elaboração própria.

Os dados sobre o desenvolvimento da olivicultura no RS ainda são incipientes e os que são encontrados não estão atualizados, porém está andamento o cadastro olivícola no RS, o que proporcionará uma visão mais concreta do desenvolvimento dessa nova cultura no estado. Levando em consideração o exposto acima, nesse relatório apresentaremos dados de autoria da Emater/rs-Engenheiro Agrônomo Tailor Luz Garcia e do programa PRÓ-OLIVA.

De acordo com estes dados no ano de 2015 haviam no Rio Grande do Sul 139 produtores, que cultivavam uma área total de 1670 hectares. Estes produtores estavam distribuídos em 55 municípios, e tinham 6 industrias de extração, estas possuíam uma capacidade de extração de 3280 kg/hora.

Destes 55 municípios, 11 destes se destacam como maiores produtores.

Tabela 1: Principais municípios produtores, número de produtores e área plantada.

Município	Produtores	Área (Há)
Canguçu	3	270,0
Pinheiro Machado	2	257,0

Cachoeira do Sul	8	219,0
Encruzilhada do Sul	11	113,0
Caçapava do Sul	15	96,0
Santana do Livramento	6	92,0
São Sepé	2	78,0
Bagé	10	70,0
Dom Pedrito	4	69,0
Barra do ribeiro	4	60,0
Candiota	5	53,0

Fonte: Emater/RS- Eng. Agr. Tailor Garcia

A área cultivada, teve um crescimento significativo nos últimos 10 anos, como podemos observar na tabela 2 e na figura 6 a seguir, porém, esta área ainda representa uma pequena porcentagem perto da demanda brasileira por azeite.

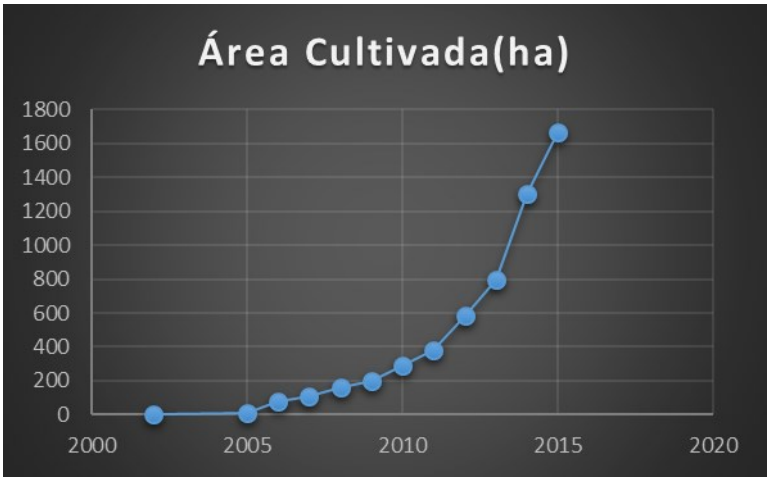
Tabela 2: Evolução da área cultivada no RS.

Ano	Área (há)
2002	6
2005	12
2006	80
2007	110
2008	158
2009	200
2010	290
2011	381
2012	585
2013	798
2014	1304,8
2015	1670

Fonte: Emater/RS- Eng. Agr. Tailor Garcia

No gráfico abaixo é possível visualizar melhor o aumento do cultivo nos últimos anos, a partir do ano de 2010 como podemos perceber esse aumento foi bem significativo, saindo de 290 há, para 1 670 há em 2015.

Figura 6: Evolução da área cultivada no RS:



Fonte: Emater/RS- Eng. Agr. Tailor Garcia

Atualmente, segundo o PRÓ-OLIVA, no estado temos 17 marcas de azeite em comercialização, e estas vêm dos vários municípios espalhados pelo estado.

Tabela 3: Marcas de azeites gaúchos:

Batalha	Pinheiro Machado
Bosque Olivos	Cachoeira do Sul
Casa G. Rodrigues	São Gabriel
Cerro dos Olivais	Caçapava do Sul
Costa Doce	Dom Feliciano
CostiOlivos	Caçapava do Sul
Dom Jose	Caçapava do Sul
Dona Esmeralda	São Sepé
Olivae	Piratini

Olivais da Fonte	Formigueiro
Olivas do Sul	Cachoeira do Sul
Oliveiras do Seival	Candiota
Olivo Brasil	Dom Pedrito
Ouro de Santana	S. do Livramento
Prosperato	Caçapava do Sul
São Pedro	Caçapava do Sul
Verde Louro	Canguçu

Fonte: PRÒ-OLIVA

A produção de azeite se manteve instável (Fig. 7) ao longo dos anos, como o gráfico a seguir está mostrando, com picos de produção no ano de 2012 e 2014, apresentando o maior resultado em 2014

Figura 7: Produção de azeite em litros:

Fonte: Emater/RS- Eng. Agr. Tailor Garcia

O rendimento médio de azeite é de aproximadamente 10- 15% do peso dos frutos processados.

Até agora, toda a produção gaúcha de azeitonas é destinada a elaboração de azeites. Segundo o diretor da Tecnolivas, Rafael Marchetti, o movimento foi natural, já que essas espécies tendem a ser mais precoces. Porém, começando como há alguns anos atrás, hoje se dá os primeiros passo para produção de variedades de mesa, voltadas a fabricação de conservas.

Referências:

Coutinho, E. F.; Ribeiro, F. C.; Cappellaro , T. H. (Ed.). **Cultivo de Oliveira (Olea europaea L.).**Enilton Fick Coutinho, Fabrício Carlotto Ribeiro, Thaís Helena Cappellaro — Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009.

COUTINHO, E. F**. A cultura da oliveira**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2007. 143 p.

Disponível em: http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/04/cadernos/empresas_e_negocios/492971-azeitona-tambem-e-coisa-de-gaucho.html. Acesso em: 24\06\2017.

SEAPI-Secretária da Agricultura, Pecuária e Irrigação. **Grupo Técnico avalia safra gaúcha de oliveiras 2016/2017.** Disponível em: http://www.agricultura.rs.gov.br/grupo-tecnico-avalia-safra-gaucha-de-oliveiras-2016-2017-59160f972d526. Acesso em: 08/06/2017.

1º Encontro Estadual de Olivicultura - Bagé - 25.11.2015. **Olivicultura no RS**. Eng. Agr. Tailor Garcia. Acesso em 06\06\2017.

USDA. **USDA United States Department of Agriculture.** https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html. Acesso em 23\06\2017.

INTERNATIONAL OLIVE OIL COUNCIL. **Madrid, 2010**. Disponível em: http://<www.internationaloliveoil.gov . Acesso em: 23\05\2017.

SEAPI-Secretária da Agricultura, Pecuária e Irrigação. **Produção de azeitonas no Rio Grande do Sul vem aumentando a cada ano.** Disponível em: http://www.agricultura.rs.gov.br/producao-de-azeitonas-no-rio-grande-do-sul-vem-aumentando-a-cada-ano. Acesso em: 08/06/2017.

WREGE, M.S.; COUTINHO, E.F.; STEINMETZ, S.; REISSER JUNIOR., C.; ALMEIDA, I.R.;MATZENAUER, R.; RADIN, B. **Zoneamento agroclimático para oliveira no Estado do Rio Grande do Sul**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. 24 p. (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 259).

SEAPI-Secretária da Agricultura, Pecuária e Irrigação. **Grupo Técnico avalia safra gaúcha de oliveiras 2016/2017**. Disponível em: http://www.agricultura.rs.gov.br/grupo-tecnico-avalia-safra-gaucha-de-oliveiras-2016-2017-59160f972d526. Acesso em: 08/06/2017.

RODRIGUES, Rodrigo Maldonado; BARCELOS, Marcia Dutra. **ELEMENTOS DA COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA OLIVICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012.